

# Escravos e Livres nas Minas Gerais do Século XIX: Campanha em 1831

CLOTILDE ANDRÁDE PAIVA  
HERBERT S. KLEIN

## Resumo

O presente estudo examina a natureza, idade, sexo, origem e estrutura ocupacional da população escrava, bem como sua distribuição entre os senhores, a partir de dados extraídos de listas nominativas inéditas. Além destes aspectos, são enfocadas as características sociais e econômicas da população livre que convivia com esses escravos. Selecionamos para análise um dos maiores e mais urbanizados municípios da província: Campanha em 1831. Dentre outras conclusões, o exame dos dados sugere que a taxa de crescimento natural dos escravos nativos poderia ser positiva e que, apesar da presença significativa de africanos na nossa massa escrava, havia condições favoráveis para a procriação.

**Palavras-chave:** demografia histórica, listas nominativas, escravidão, história de Minas Gerais.

## Abstract

This paper deals with the age, sex, origin, and occupational structure of the slave population as well as its distribution among slave owners, using as a source the newly available manuscript censuses. Our study will stress as well, the social and economic characteristics of the free population among whom these slaves lived. We have selected for our analysis one of the largest and most urbanized *município* of Minas Gerais: Campanha in 1831. The surprising finding in our study is that there was a very high rate of natural growth being shown among the native born slaves. So dramatic was the fertility ratio that was able to overcome the very negative growth rates of African slaves who made up almost half of slave labor force.

**Key words:** historical demography, slavery, manuscript censuses, history of Minas Gerais.

---

*Os autores são, respectivamente, do CEDEPLAR/UFMG e da Columbia University.*

Tradução de Andrea Bianchi Alves, do original: *"Slave & free in 19th century Minas Gerais: Campanha in 1831."*

A evolução da economia escravista em Minas Gerais tem gerado debates vivos e interessantes dentro do estudo da escravidão africana nas Américas. Na época do primeiro censo nacional em 1872, a província de Minas Gerais, no centro do país, era a maior província escravista do Brasil, com 370.000 escravos. Essa população escrava, apesar de inicialmente trazida à região para trabalhar na mineração de ouro no século XVIII estava, ao final do século XIX, envolvida em atividades econômicas nada comuns em economias com mão-de-obra escrava.

A região chamada Minas Gerais obteve a condição de unidade política autônoma somente após a descoberta de ouro em seu território, ocorrida ao final do século XVII. Seguiu-se então uma impressionante corrida do ouro nesse local, inicialmente inóspito, até que, ao final do século XVIII, a região tornou-se a maior produtora de ouro do mundo ocidental.<sup>(1)</sup>

Para trabalhar no garimpo, os empresários mineiros compraram escravos que já viviam na costa brasileira e outros recém-chegados da África. Ao final do século, a população escrava chegou a aproximadamente 150.000 pessoas e Minas Gerais atingiu o *status* de maior região escravista da colônia. Por volta da segunda metade do século, a mineração de ouro entrou em declínio, ocasionando severa decadência aos principais centros urbanos. Daí resultou o aparente abandono do mercado internacional de exportações por parte dessa economia, anteriormente aberta. Naturalmente, houve continuidade das exportações de diamantes, ouro em menor quantidade e, ao final do século XVIII, a economia local havia se transformado em exportadora líquida de produtos agrícolas.<sup>(2)</sup> Para o mundo exterior, no entanto, parecia que a economia mineira havia se fechado e que a força motriz das exportações internacionais havia entrado em colapso.

Nessas circunstâncias, a evolução normal de uma economia de mineração com tais características de rápida ascensão e declínio teria sido a diminuição da população escrava por meio de alforrias ou mediante a venda e transferência de escravos para outras regiões onde a agricultura de exportação estivesse em crescimento. De fato, havia no Brasil centros de agricultura de exportação bastante dinâmicos e em

---

(1) O melhor trabalho sobre o papel do ouro de Minas na economia mundial é o de PINTO (1979).

(2) Não foi sempre assim. Em meados do século XVIII, a mineração absorvia os recursos locais de tal maneira que a região era famosa por importar tudo, inclusive alimentos. (Cf. ZEMELLA, 1990). Uma clássica descrição das primeiras rotas de suprimentos que chegavam a Minas pode ser encontrada em HOLANDA (1976).

expansão, localizados perto da fronteira de Minas Gerais, nas províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Na primeira metade do século XIX, ambas tornaram-se grandes escoadouros de café produzido por escravos. As plantações de café do Vale do Paraíba e das planícies do oeste paulista eram realmente grandes importadoras de escravos da África, até 1850 e, a partir de então, das regiões vizinhas.

Mas, para a surpresa de todos os comentaristas, a economia de Minas do início do século XIX, aparentemente voltada para o mercado interno, não mostrou dificuldade em continuar importando mão-de-obra africana até 1850 e em aumentar sua população escrava. Além disso, na década de 1870, final do período do tráfico interno de escravos, já era evidente que apenas alguns escravos mineiros haviam saído da província. Assim, ao final do século XIX, quando finalmente ocorreu a abolição, Minas ainda era a maior província escravista do império, como ao final da centúria anterior, e o peso relativo dessa população cativa até havia aumentado no decorrer do período.<sup>(3)</sup> Seria Minas a grande exceção à correlação típica ocorrida na América entre escravidão e economia de exportação? No debate atual, estudiosos mineiros argumentam que Minas tinha uma economia essencialmente de subsistência, que era eficiente o bastante para manter sua mão-de-obra escrava e ainda importar mais africanos.<sup>(4)</sup>

Esse modelo de economia regional crescente, porém muito localizada, tem gerado controvérsia entre diversos pesquisadores. Um grupo de historiadores e economistas americanos e brasileiros argumenta que o modelo não-exportador subestima a dimensão das exportações de Minas, tanto regionais como internacionais.<sup>(5)</sup> O café penetrou no território da Zona da Mata mineira no início do século XIX e chegou a expandir-se para a região vizinha do Sul de Minas em meados do século. O tamanho da mão-de-obra dedicada ao café é matéria de debate; enquanto os irmãos Martins sugerem um número baixo, outros estudiosos defendem uma porcentagem bem mais alta do total da mão-de-

(3) Martins estima que Minas tenha aumentado sua participação de 15% do total de escravos do Brasil em 1819 para 25% em 1872, com uma taxa de crescimento de mais de 1,5% ao ano, no século XIX. (Cf. MARTINS, 1980, p. 170.)

(4) O trabalho inicial sobre este modelo foi feito por Roberto Borges Martins, na tese citada, a qual foi posteriormente transformada em dois artigos em co-autoria com seu irmão historiador. Cf. MARTINS FILHO & MARTINS (1983). A publicação inicial desse modelo foi criticada por SLENES, em *ibid.* p. 569-81; DEAN, p. 582-84; ENGERMAN & GENOVESE, p. 585-90. Ver também a crítica extensiva dos comentários em MARTINS FILHO & MARTINS (1984).

(5) Além dos comentários formais no original *Hispanic American Historical Review*, ver também SLENES (1985) e LUNA & CANO (1983).

obra.<sup>(6)</sup> O modelo dos Martins é também contestado no que se refere às exportações de outros itens que não o café. Importador líquido de alimentos no século XVIII, Minas tornou-se exportador líquido no século XIX. A carne, os laticínios e os produtos agrícolas mineiros eram parte fundamental na alimentação dos escravos que trabalhavam nas plantações de café paulistas e fluminenses. Da mesma forma, apesar do acordo comercial com a Inglaterra e as conseqüentes importações de produtos têxteis ingleses em escala maciça, Minas era grande produtor de tecido de algodão cru, fruto de uma indústria artesanal bastante desenvolvida e espalhada pela província. Boa parte do tecido produzido era utilizada para confeccionar roupas de escravos. Finalmente, a exportação de diamantes, assunto ainda pouco estudado, pode ter revivido parte da antiga economia de mineração e garantido um volume de exportações internacionais razoavelmente significativo para a província. Mesmo com todas essas áreas em desenvolvimento, parece, no entanto, que a maior parte da mão-de-obra escrava de Minas não estava ligada à produção para o comércio internacional, mas, sim, à produção para os mercados local e regional.

Os irmãos Martins também argumentam que a população escrava de Minas do século XIX não crescia naturalmente e, como em outras grandes regiões escravistas do Brasil, tinha uma taxa negativa de crescimento natural, dependendo, pois, da maciça importação de africanos para manter seu crescimento. Como a população escrava de Minas cresceu durante a maior parte do século XIX, a única conclusão a que se pode chegar é que essa economia, voltada para o mercado interno, era tão produtiva e eficiente que provia capital suficiente para competir, com os fazendeiros de café do sul e do oeste, pelos escassos trabalhadores africanos. Esse modelo de economia dinâmica e importadora foi recentemente contestado por historiadores-demógrafos, com o argumento de que as taxas de crescimento natural da população escrava se tornaram positivas no início do século XIX, e que Minas apresentava, de fato, uma proporção relativamente baixa de africanos e um número de crianças por mulheres bastante mais alto (uma *proxy* razoável do nível de fecundidade) do que qualquer outra das grandes regiões escravistas do centro-sul, exceto o Paraná.<sup>(7)</sup>

---

(6) Esse é o argumento de Genovese e Engerman, em "Comments", p. 585-86. Outros chegaram a sugerir que o total das exportações de café de Minas era subestimado porque parte das exportações escoadas pelos portos de Santos e do Rio de Janeiro, registradas como de origem local, eram, de fato, mineiras.

(7) Cf. PAIVA (1989) e PAIVA *et. al.* (1990); LIBBY & GRIMALDI (1988, v. III, p. 413-442); PAIVA & LIBBY (1992).

Grande parte dessas análises demográficas mais recentes advém do estudo dos censos manuscritos de Minas de 1831 a 1838, só há pouco tempo acessíveis. Destas listas nominativas inéditas extraímos os dados que nos permitiram examinar a natureza, idade, sexo, origem e estrutura ocupacional da população escrava, bem como sua distribuição entre os senhores. Além destes aspectos, o presente estudo enfoca as características sociais e econômicas da população livre que convivia com esses escravos. Esse grupo de pessoas livres inclui tanto a minoria proprietária de escravos como a maioria que não tinha escravos nem assemelhados. Assim, este é um dos poucos trabalhos existentes com amostras das populações livre e escrava do início do século XIX no Brasil.<sup>(8)</sup>

Embora não possamos resolver definitivamente todas as questões levantadas pelos historiadores e economistas, esperamos poder responder algumas perguntas básicas sobre o crescimento da população escrava e suas atividades. Seleccionamos para análise um dos maiores e mais urbanizados municípios dentre os dezesseis em que a província estava então dividida: Campanha em 1831.<sup>(9)</sup> Campanha situa-se no chamado Sul de Minas, perto da fronteira com o Rio de Janeiro. Era um típico grande município mineiro com mistura de atividades agrícolas e têxteis, além de grande número de destilarias e pequenos e variados comércios. Em um amplo lançamento fiscal da província para 1836, Campanha era o município com maior número de pequenos comércios (as "vendas"): 471 estabelecimentos dessa natureza dentre os 4.293 registrados em toda a província. Tinha também uma razoável atividade açucareira, com aproximadamente 84 engenhos (1.645 na província inteira), colocando-se em sexto lugar dentre os municípios com maior número de engenhos.<sup>(10)</sup> A única e grande atividade econômica provincial que não era encontrada em Campanha nessa época era a produção de café, inicialmente limitada à Zona da Mata, a oeste, e que não alcançou o Sul de Minas (região onde se localiza Campanha) até antes de 1850.<sup>(11)</sup>

---

(8) Para um levantamento detalhado de todos os estudos demográficos relevantes sobre o século XIX, ver LUNA & KLEIN (1991).

(9) Na geografia política do Brasil do século XIX, um "município" era o equivalente a um *county* norte-americano, definido como um distrito urbano e sua área rural adjacente, até as fronteiras dos municípios vizinhos.

(10) Arquivo Público Mineiro, Secretaria do Governo, Códice 1042.

(11) MARTINS (1980, cap. 3). Embora estivesse fora da região de mineração mais tradicional, Campanha tinha algumas minas em seu território.

As aproximadamente 35.000 pessoas que se encontravam no município em 1831 - distribuídas nas áreas urbana e rural - formam uma fração bastante representativa da população mineira; o número total de habitantes de Campanha era de cerca de 8% da população total da província.<sup>(12)</sup>

Embora Campanha tivesse um grande contingente de escravos, seu peso relativo na população total (cerca de 29%) era ligeiramente menor que o observado nos demais municípios da província, cuja maioria dispunha de uma porcentagem um pouco superior a 30%. Também no que se refere à cor, este município discrepava-se um pouco dos demais. Enquanto no restante da província os brancos constituíam minoria, quase dois terços dos habitantes livres de Campanha eram registrados como brancos, cifra mais alta do que a vigente em Minas na década de 1830, onde menos da metade da população livre era branca.<sup>(13)</sup> Apesar dessa inusitada participação relativa dos brancos em Campanha, o contingente de não-brancos livres representava uma força importante entre as pessoas enquadradas nesta condição social e, o que é ainda mais significativo, constituía 46% do total da população não-branca. Este fato verifica-se mesmo entre os nascidos na África que viviam em Campanha,<sup>(14)</sup> dos quais 7% eram forros (ver Tabela 1).

---

(12) Visto que o censo de 1831, inédito, está ainda em processo de codificação, baseamo-nos nas estimativas do censo de 1821, publicadas em CUNHA MATOS (1981, II, p. 45-50). Neste censo, Campanha tinha cerca de 38.000 habitantes e a província meio milhão de pessoas. Seus 9.500 escravos representavam cerca de 6% do total dos 171.000 escravos da província. Dado que os distritos do município de Campanha não eram os mesmos em 1831, 1838 e 1872 -, datas dos outros censos existentes - é difícil fazer comparações do município inteiro nos diferentes momentos, embora os números obtidos em 1821 pareçam razoavelmente próximos daqueles obtidos em 1831.

(13) Donald Ramos examinou 5 centros menores, em Minas, na década de 1830, com uma população livre total de cerca de 6.650 pessoas e descobriu que os brancos não representavam mais de 30% dessa população livre. Cf. RAMOS (1978, p. 364). Nas 6 comunidades cujo censo de 1831 acabamos de processar (que, além de Campanha, incluem Caeté, São José de Rei, Pitangui, Paracatu e Ouro Preto - que também foi incluída na amostra de Ramos) temos um total de cerca de 38.000 brancos, que representavam apenas 45% do total da população livre de cerca de 84.000 pessoas.

(14) O termo "nascido na África" inclui todos aqueles que, no censo manuscrito, foram classificados como "africanos" ou "pretos". Nas listas manuscritas de Minas de 1831 e 1832, os termos "preto" e "africano" são utilizados como sinônimos. Utilizava-se o termo "crioulo" para identificar os negros nascidos no Brasil. Era comum encontrar um escravo registrado como "preto" cujo nome era José Mina ou Antônio Angola. Para melhor testar a validade desse uso do termo, comparamos estruturas demográficas dos quatro grupos não-brancos (crioulo, preto, africano e pardo) e descobrimos que a razão de sexo, o pequeno número de crianças e velhos e o pico etário entre 10-14 e 30-34 encontrado entre os africanos era bastante parecido àquele encontrado entre os "pretos" e ambos diferiam radicalmente dos "crioulos" e dos "pardos"

TABELA I  
A POPULAÇÃO DE CAMPANHA SEGUNDO A COR E CONDIÇÃO  
SOCIAL, 1831

Cor	Livres		Escravos		Total		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Branços	8.108	7.860			8.108	7.860	15.968
Crioulos	391	440	2.142	2.127	2.533	2.567	5.100
Africanos	177	172	3.359	1.300	3.536	1.472	5.008
Pardos	3.680	3.925	721	559	4.401	4.484	8.885
Total	12.356	12.397	6.222	3.986	18.578	16.383	34.961

Notas: Há cinco pessoas que aparecem no número total cujo sexo e cor não são conhecidos.

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Seção Provincial, Mapas de População, Pasta 1, Doc. 12; Pasta 7, Doc. 1; Pasta 10, Docs. 2, 6, 14-22. Censo realizado entre 10/1831 e 2/1832.

Não obstante o predomínio de livres, cujo contingente era até mais numeroso do que o total de habitantes de um município mineiro típico, não há dúvida de que Campanha era uma sociedade escravista por qualquer definição do termo. Primeiramente, o número de nascidos no exterior entre a população escrava era surpreendentemente alto; cerca de 46% dos cativos haviam nascido na África e os africanos representavam 14% da população total do município. Esse percentual de africanos é comparável ao obtido nas regiões açucareiras paulistas mais desenvolvidas no mesmo período. Assim, no município açucareiro de Itu, em 1829, os nascidos na África representavam 48% da mão-de-obra escrava local. Nos municípios vizinhos à cidade de São Paulo, onde não predominava a "grande lavoura" a proporção de nascidos no exterior era de menos de um terço da população escrava total. (LUNA & KLEIN, 1991, Tabela 1). Pelo menos nesse sentido, a população de Campanha se assemelha àquelas populações escravas formadas por constantes suprimentos de trabalhadores vindos da África.

Os escravos eram bem distribuídos por todos os distritos de paz do município. A proporção de escravos que podia ser encontrada em todos os distritos era próxima (ver Tabela 2), embora estes diferissem em termos econômicos, ecológicos e densidade populacional. Somente no pequeno distrito de Bom Jesus das Antas (Nº 11) os escravos representavam menos de 20% do total de sua população. Essa grande presença de escravos afetou tanto o tamanho médio dos quase 5.500 domicílios do município como também a razão de sexo.

TABELA 2  
A POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMPANHA SEGUNDO OS  
DISTRITOS, 1831

Distrito	Nº de Domicílios	Homens	Mulheres	Total	Total Livres	Total Escravos
1	302	1.142	1.005	2.147	1.427	720
2	793	2.870	2.346	5.219	3.583	1.630
3	315	1.103	974	2.077	1.504	573
4	370	1.347	1.179	2.527	1.769	758
5	251	1.004	800	1.804	1.298	504
6	866	2.850	2.650	5.500	3.628	1.872
7	597	1.908	1.671	3.580	2.281	1.297
8	342	1.805	934	2.019	1.622	397
9	222	768	679	1.447	1.034	413
10	82	315	261	576	422	154
11	309	827	776	1.603	1.436	166
12	254	970	873	1.843	1.118	725
13	751	2.389	2.235	4.627	3.625	1.001
Total	5.454	18.578	16.383	34.969	24.747	10.210

Notas: Os distritos estão numerados da seguinte maneira: 1 = Espírito Santo da Mutuca; 2 = Itajubá; 3 = Lambari; 4 = Santa Catarina; 5 = Santa Rita; 6 = Santo Antônio Vale da Piedade; 7 = São Gonçalo; 8 = São José Campo da Formiga; 9 = São Sebastião da Capituba; 10 = São Sebastião, São Roque e Bom Retiro; 11 = Senhor Bom Jesus das Antas; 12 = Três Corações, Rio Verde; e 13 = Santana do Sapucaí.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

A escravidão está geralmente correlacionada a maior tamanho de domicílios e a uma proporção maior de homens do que de mulheres. A média global do tamanho dos domicílios no município era de 6,4 pessoas por unidade e a razão de sexo era de 114 homens por 100 mulheres. Quando dividimos os domicílios entre os que possuíam escravos (cerca de 29%) e os que não possuíam, a influência dos escravos nesses indicadores demográficos básicos é mais evidente. Os domicílios de proprietários de escravos eram quase três vezes maiores do que aqueles habitados apenas por pessoas livres, cuja média (4 pessoas) situava-se bem próxima ao padrão da família nuclear básica. Em virtude do tamanho dos domicílios de proprietários de escravos e da incorporação de mais pessoas livres (esses domicílios tinham em média uma pessoa livre a mais do que os domicílios de não-proprietários de escravos), eles abrigavam cerca de metade da população total do município, embora representassem menos de um terço do número total de domicílios (ver Tabela 3).

**TABELA 3**  
**TAMANHO DOS DOMICÍLIOS SEGUNDO A PRESENÇA OU NÃO DE**  
**ESCRAVOS - CAMPANHA, 1831**

Domicílios com/sem escravos	Média	(Desvio Padrão)	Tamanho Máximo dos Domicílios	Total Pessoas	Total Domicílios
Com escravos	11,27	(10,15)	137	18.407	1.633
Sem escravos	4,33	2,42	25	16.562	3.823
Todos os Domicílios	6,41	(6,71)	137	34.969	5.456

Fonte: A mesma da Tabela 1.

A influência dos escravos também pode ser avaliada mediante o exame da razão de sexo segundo a cor e a condição social. Considerando-se que três quartos dos africanos trazidos pelos traficantes através do Atlântico eram homens, e que três quartos do total eram adultos, não é surpresa que os homens predominassem na população escrava.<sup>(15)</sup> Alia-se a tais características do tráfico o fato de as mulheres apresentarem maior mobilidade que os homens. Em todos os estudos feitos até o momento sobre o processo de manumissão no Brasil, verifica-se que as mulheres eram alforriadas mais freqüentemente do que os homens.<sup>(16)</sup> Essas predominâncias ficam mais claras quando, de um lado, comparamos a razão de sexo dos indivíduos livres de origem africana com a daqueles mantidos em regime de cativo (ver tabela 4) e, de outro lado, quando confrontamos a estrutura de sexo e idade da população escrava com a estrutura correlata referente aos não-brancos livres (como se pode observar nos gráficos 1 e 2).

**TABELA 4**  
**RAZÃO DE SEXO SEGUNDO A COR E A CONDIÇÃO SOCIAL**

	Livres	Escravos	Total
Branços	103,2		103,2
Crioulos	88,9	100,7	98,7
Africanos	102,9	258,4	240,2
Pardos	93,8	129,0	98,1
Total	99,7	156,1	113,4

Fonte: A mesma da Tabela 1.

(15) Ver KLEIN (1987). Para um levantamento recente dos números referentes às Índias Ocidentais, ver GEGGUS (1989).

(16) Ver os artigos de MATTOSO (1972) e MATTOSO (1976); e também SCHWARTZ (1974) e HIERNAM (1976).

GRÁFICO 1  
IDADE E SEXO DOS ESCRAVOS - CAMPANHA, 1831  
(N = 10.210)

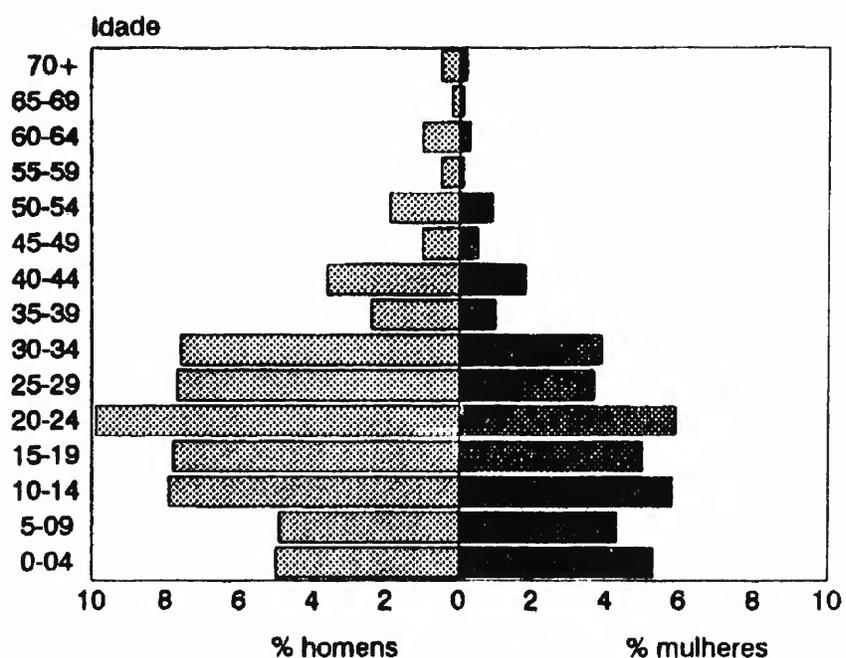
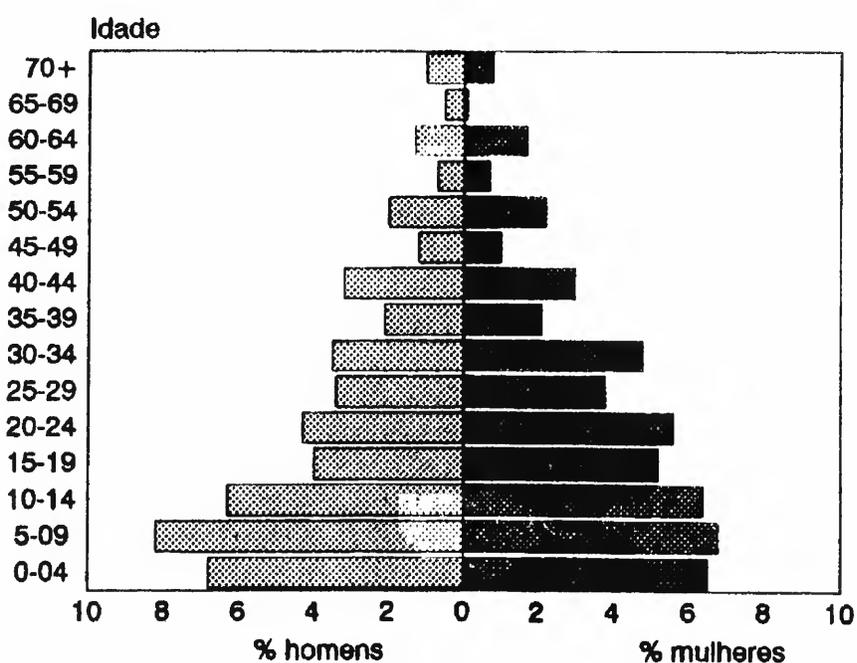


GRÁFICO 2  
IDADE E SEXO DOS NÃO-BRANCOS LIVRES CAMPANHA, 1831  
(N = 8.263)



A relação entre o número de mulheres em idade reprodutiva (15-44 ou 15-49) e o número de crianças com menos de 9 anos, de uma dada população, tem sido amplamente usada como *proxy* para os níveis reprodutivos deste grupo. Sabe-se que é muito pequeno o número de crianças neste grupo etário que migram sozinhas. As crianças presentes nas listas nominativas de Campanha são, na sua quase totalidade, nascidas no Brasil. Há um percentual muito pequeno de crianças africanas remanescentes do tráfico (havia, na localidade estudada, apenas 185 crianças africanas de 0-9 anos, o que corresponde a 1,8% do total desta faixa etária).

Infelizmente, as listas nominativas não nos permite ligar todas as crianças às suas respectivas mães, especialmente no que concerne à população escrava. Sabendo-se que no Brasil os filhos de mães escravas são também escravos, é possível admitir que esta população cativa com menos de 9 anos, nascida no Brasil, descende de mães escravas de qualquer cor ou origem.

Não é possível, através da razão criança/mulher, discriminar a contribuição das mulheres segundo a cor ou qualquer outro atributo. Podemos apenas sugerir que a participação das africanas deve ter sido decisiva. No total de mulheres escravas, as africanas representam 32,6%. No entanto, se considerarmos o grupo etário reprodutivo de 15-49 anos, este valor sobe para 45%. Mesmo admitindo-se uma fecundidade diferenciada para nacionais e africanas, é difícil aceitar que a contribuição das africanas não tenha sido expressiva.

Os valores da razão criança/mulher da população escrava de Campanha em 1831 são relativamente altos se considerarmos os valores já conhecidos para o Brasil (LUNA, 1992). Na verdade, são inferiores àqueles observados para a população escrava dos Estados Unidos, que era de 1484 crianças com menos de 10 anos para mulheres de 15-49 anos, o maior índice registrado nos Estados Unidos no século XIX (STECKEL, 1982, p. 241). Em 1831, as escravas de Campanha ainda possuíam um número de filhos maior do que as escravas de São Paulo em 1829.<sup>(17)</sup> Na verdade, as escravas de Campanha apresentavam números bem mais altos do que as escravas das Índias Ocidentais Ingle-

---

(17) Ver LUNA & KLEIN (1991, Tabela 5). Esses números também eram bem mais altos do que aqueles encontrados para os 2.400 escravos da cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, em 1823, que tinha uma razão de 406 crianças com menos de 5 anos para cada 1.000 mulheres entre 20 e 40 anos. Cf. RAMOS (1979, p. 518). Comparável à razão estimada de 710 para a população livre e branca de Campanha em 1831. Os números obtidos em Vila Rica podem ser baixos devido à pequena parcela da população analisada.

sas, tanto no período anterior quanto no posterior à proibição do tráfico escravo no Atlântico.<sup>(18)</sup> Tudo isso sugere uma taxa de crescimento potencialmente positiva.

TABELA 5  
RAZÃO CRIANÇA/MULHER SEGUNDO A CONDIÇÃO SOCIAL  
CAMPANHA, 1831  
(Números/taxas)

Idade/Sexo	Livres	Escravos	Total	
Crianças	0-4	3.899	1.047	4.946
0-9	8.080	1.998	10.078	
Mulheres	15-44	5.543	2.184	7.727
15-49	5.188	2.234 **	7.422	
0-4/15-44	703	479	640	
0-9/15-44	1.458	915	1.304	
0-4/15-49	752	469	666	
0-9/15-49	1.557	894	1.358	

Notas: \* Sendo 901 crioulas, 992 africanas e 291 pardas.

\*\* Sendo 937 crioulas, 1003 africanas e 294 pardas.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Embora precisássemos das estatísticas vitais da população escrava para confirmar o modelo de crescimento positivo ou negativo, algumas estimativas sugerem que os escravos de Campanha tinham uma taxa positiva de crescimento nessa época. Utilizando-se o peso relativo das crianças com menos de 5 anos de idade no total da população dos Estados Unidos em 1850 e de Campanha em 1831, respectivamente, e calculando-se a razão desse índice pela taxa bruta de nascimentos e aplicando-se o diferencial obtido para o Brasil chegamos a uma taxa bruta estimada de nascimentos para a população escrava de Campanha entre 32 e 34 por mil residentes.<sup>(19)</sup> O demógrafo brasileiro Giorgio Mor-

(18) A razão da Jamaica, maior população escrava das Índias Ocidentais Britânicas, era da ordem de 399 crianças de 0-4 por 1.000 mulheres entre 15-44. Ver HIGMAN (1984, p. 356). Os números para Minas também estão acima dos obtidos para Trinidad em 1813 onde a razão de crianças escravas de 0-4 por 1.000 escravas de 15-49 era de 434. Cf. JOHN (1988, p. 128).

(19) Uma aproximação da taxa bruta de nascimentos é, neste caso, obtida pela relação entre as crianças com menos de um ano e a população total. Neste caso, consideramos que a taxa de mortalidade infantil fosse equivalente para os escravos do Brasil e os dos Estados Unidos suposição bastante razoável. Calculamos uma taxa baseada no peso relativo das crianças com menos de 5 anos na população total das duas respectivas populações - a dos Estados Unidos em 1850 e a de Campanha em 1831. Uma taxa anualizada de nascimentos foi então estimada a partir dessa participação relativa. No caso dos Estados Unidos, foi calculada a diferença entre o índice anual estimado e as taxas brutas de nascimento

tara estimou, em meados do século XIX, em 32 por mil a taxa bruta de mortalidade, o que sugere, no mínimo, estabilidade ou um crescimento positivo de 2 por mil ao ano. (MERRICK & GRAHAM, 1979, p. 37).

**TABELA 6**  
**SITUAÇÃO CONJUGAL DOS ADULTOS LIVRES EM CAMPANHA EM**  
**1831 SEGUNDO O SEXO E A COR**  
**(Em Porcentagens)**

Situação Conjugal	Branços		Crioulos		Africanos		Pardos	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Solteiros	33,6	28,3	44,8	43,6	29,6	37,9	37,1	36,4
Casados	63,7	62,3	52,3	42,9	66,7	47,0	59,6	55,1
Viúvos	2,8	9,4	2,9	13,5	3,7	15,2	3,3	8,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
(N)	4.304	4.385	241	312	135	132	1.868	2.139

Notas: Adultos aqui são definidos como todas as pessoas de 14 ou mais anos de idade. A taxa de nupcialidade para todas as pessoas livres era de 62,2% para os homens e de 58,9% para as mulheres.

Fonte: a mesma da Tabela 1.

Com relação à nupcialidade, é interessante notar que, entre os livres, a taxa de nupcialidade dos pardos era mais alta do que a dos pretos, sendo que os africanos do sexo feminino apresentavam um número mais alto do que ambos (ver Tabela 6). Mesmo entre os escravos com taxa de nupcialidade geralmente baixa, subsiste o curioso fenômeno da taxa de nupcialidade mais alta para os africanos (ver Tabela 7). A taxa de nupcialidade dos nascidos na África parece peculiar às populações de Campanha, pelo menos nos dados constantes dos poucos estudos disponíveis até o momento para outras regiões do centro-sul do Brasil acerca de casamentos de escravos segundo o local de nascimento. Esses estudos não mostram grandes diferenças. A taxa global de nupcialidade dos escravos de Campanha e sua relação com a taxa obtida para as pessoas livres - cerca de metade do obtido para os adultos - é, no entanto,

conhecidas para a população escrava em 1850. A taxa padrão utilizada até recentemente era de 53,9 por mil, calculada em FARLEY (1965, p. 395). Esse número foi corrigido para 62 por mil recentemente, com base nas novas taxas de mortalidade calculadas em FOGEL (1989, p. 126, item 20). A diferença resultante entre os dois números obtidos nos Estados Unidos foi então utilizada para calcular uma Taxa Bruta de Nascimentos em Campanha. A oscilação da taxa de 32-34 por mil deriva-se da utilização alternada da antiga estimativa de Farley para 1820-50 ou da de Fogel para o mesmo período.

## ESCRAVOS E LIVRES NAS MINAS GERAIS

consistente com os estudos similares feitos anteriormente sobre o centro-sul do Brasil dos séculos XVIII e XIX.<sup>(20)</sup>

TABELA 7  
SITUAÇÃO CONJUGAL DOS ESCRAVOS ADULTOS SEGUNDO A COR  
- CAMPANHA, 1831  
(Em Porcentagens)

Situação Conjugal	Crioulos		Africanos		Pardos	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Solteiros	83,2	65,0	72,9	48,6	81,8	72,9
Casados	15,6	33,2	25,9	49,5	17,2	24,8
Viúvos	1,2	1,8	1,2	2,0	0,9	2,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
(N)	1.013	991	2.730	974	435	310

Notas: Adultos aqui são definidos como todas as pessoas de 14 ou mais anos de idade. A taxa de nupcialidade para o total de escravos era de 22,4% para os homens e de 38,9% para as mulheres.

Fonte: a mesma da Tabela 1.

Apesar de os dados sugerirem a possibilidade de uma taxa positiva de crescimento para a população escrava de Minas, contestando, dessa forma, parte da tese dos Martins, os dados sobre as ocupações dos escravos servem como sustentação à tese que defende estar a maioria dos escravos envolvida em uma agricultura de exportação não-internacional e na economia artesanal. O exame da distribuição ocupacional das pessoas livres e dos escravos em Campanha torna evidente que a agricultura - a cultura de alimentos diversos, com pouco açúcar e nada de café ocupava a maior parte dos trabalhadores livres e escravos, de ambos os sexos (ver Tabelas 8 e 9). Quase de igual significância, no entanto, era a fiação e tecelagem do algodão cru, que além de importância tinha boa difusão na economia local mineira.(LIBBY, 1988 e 1991). A atividade têxtil artesanal de Campanha era especialmente importante, e aqui, como em outros lugares da província, era exercida predominantemente por mulheres (cerca de 95% dos 3.500 trabalhadores adultos livres e escravos) e, dentre os trabalhadores que dela se

(20)Um dos poucos trabalhos que examina o casamento de escravos segundo a origem é o de LUNA (1989). Estes estudos apresentam taxas de nupcialidade para os escravos que equivalem à metade daquelas obtidas para os brancos, informação confirmada nos dados sobre Campanha: MOTTA (1988); SLENES (1988); METCALF (1989 e 1987); COSTA & GUTIÉRREZ (1984); COSTA, SLENES & SCHWARTZ (1987).

ocupavam, a maioria era livre (80%). Apesar dessa predominância de trabalhadores livres, a fiação e tecelagem do tecido de algodão empregava metade das escravas adultas, absorvendo também três quartos das trabalhadoras livres. Tais números são típicos dessa importante indústria artesanal mineira que abastecia o mercado doméstico de panos grosseiros para roupas e atendia boa porção do mercado da classe trabalhadora do litoral, não obstante a acirrada concorrência dos produtos têxteis britânicos.<sup>(21)</sup>

TABELA 8  
OCUPAÇÃO DAS PESSOAS LIVRES SEGUNDO O SEXO  
CAMPANHA, 1831

Ocupação	Números		Porcentagens		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Atividades Agrícolas	3.909	441	67,2	12,6	46,7
Comércio	353	67	6,1	1,9	4,5
Mineração	76	7	1,3	0,2	0,9
Fiação e Tecelagem	101	2.712	1,7	77,5	30,2
Artesanato	514	73	8,8	2,1	6,3
Administração Pública	68	0	1,2	0,0	0,7
Serviços Domésticos	4	88	0,1	2,5	1,0
Artistas	9	0	0,2	0,0	0,1
Rentistas	0	1	0,0	0,0	0,0
Profissionais Liberais	234	82	4,0	2,3	3,4
Trab. s/ Profissão Declarada	552	28	9,5	0,8	6,2
Sub-total	5.820	3.499	100,0	100,0	100,0
Sem Ocupação	6.536	8.898			
Total	12.356	12.397			

Fonte: a mesma da Tabela 1.

(21) Em seu levantamento sobre a totalidade da província, Libby sugere que esta era uma ocupação exclusivamente feminina, o que não é exatamente o que ocorre aqui. O mesmo autor também sugere ser este um fenômeno urbano e rural e que havia uma proporção muito alta de fiadores comparativamente aos tecelões (da ordem de 24 para 1). *Ibid*, p. 27-29. No caso de Campanha, o comércio e a agricultura estavam mais bem distribuídos entre os distritos do município; mas, como sugere Libby, podiam-se encontrar domicílios onde havia fiação tanto em áreas urbanas (distritos 6 e 7) como em zonas rurais do município. Assim, essa proto-indústria não estava limitada a camponeses pobres mas sim, disseminada por toda a população.

TABELA 9  
OCUPAÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO O SEXO - CAMPANHA, 1831

Ocupação	Números		Porcentagens		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Atividades Agrícolas	1.075	151	56,3	11,8	38,4
Comércio	33	2	1,7	0,2	1,1
Mineração	354	10	18,5	0,8	11,4
Fiação e Tecelagem	68	631	3,6	49,3	21,9
Artesanato	196	4	10,3	0,3	6,3
Administração Pública	4	2	0,2	0,2	0,2
Serviços Domésticos	58	438	3,0	34,2	15,5
Profissões Liberais	1	1	0,1	0,1	0,1
Trab.s/ Profissão Declarada	122	40	6,4	3,1	5,1
Sub-total	1.911	1.279	100,0	100,0	100,0
Sem Ocupação	4.311	2.707			
Total	6.222	3.986			

Fonte: a mesma da Tabela 1.

Apesar de utilizar mão-de-obra escrava de forma não tradicional, o sistema escravista de Minas tinha muito em comum com aquele desenvolvido no sul dos Estados Unidos no que se refere à distribuição da propriedade dos escravos. No início do século XIX Minas tinha, na verdade, muito mais semelhanças com os Estados Unidos desse período do que com o modelo de *plantation* das Índias Ocidentais. Assim, como nos Estados Unidos, menos de um terço da população livre possuía escravos; no caso, apenas 29%. Os domicílios de proprietários de escravos contavam, em média, com 6 escravos, e mais de 50% desses domicílios tinham apenas 3 escravos (ver Tabela 10). No entanto, esta metade dos domicílios detinha apenas 14% de toda a massa escrava, enquanto a parcela formada pelos 10% maiores senhores de escravos (com 14 ou mais escravos, e que representavam 10% dos domicílios de escravistas) contavam com 42% do total de escravos. Desta distribuição resulta um índice de GINI de 0,55, mais ou menos a média observada na maioria das regiões do Brasil e dos Estados Unidos no século XIX.<sup>(22)</sup> Mesmo se incluirmos todos os domicí-

(22) Os índices de GINI para cinco cidades mineiras no período 1718-1804 oscilam entre o mínimo de 0,40 e o máximo de 0,57, com média de cerca de 0,55. Cf. LUNA & COSTA (1982, p. 40, Tabela 3). Para três municípios paulistas em 1829, o índice de Gini referente à propriedade de escravos era de 0,583. Cf. LUNA & KLEIN (1991, p. 569, Tabela 8). Os resultados obtidos nos Estados Unidos para distribuição dos escravos em 1790, 1830, 1850 e 1860 nos principais estados do centro-sul, variam de 0,562 a 0,597. Ver SOLTOW (1971, p. 829).

lios não-possuidores de escravos, o índice de GINI cresce para cerca de 0,87 - valor não muito diferente do que se podia esperar nesse tipo de sociedade, e provavelmente não tão discrepante daquele que teríamos se levássemos em conta as distorções na propriedade da terra nessa sociedade mista, agrícola e proto-industrial.

TABELA 10  
DISTRIBUIÇÃO DOS CATIVOS ENTRE OS DOMICÍLIOS  
POSSUIDORES DE ESCRAVOS CAMPANHA, 1831

Número de Escravos Possuídos	Número de Domicílios	Total de Escravos Possuídos	Porcentagem Acumulada de Domicílios	de Escravos
1	398	398	24,4	3,9
2	256	512	40,0	8,9
3	184	552	51,3	14,3
4	138	552	59,8	19,7
5	98	490	65,8	24,5
6	92	552	71,4	29,9
7	77	539	76,1	35,2
8	54	432	79,4	39,4
9	35	315	81,6	42,5
10	47	470	84,4	47,1
11	29	319	86,2	50,3
12	32	384	88,2	54,0
13	17	221	89,2	56,2
14	20	280	90,4	58,9
15	20	300	91,7	61,9
16	10	160	92,3	63,4
17	6	102	92,7	64,4
18	11	198	93,3	66,4
19	12	228	94,1	68,6
20	12	240	94,8	71,0
21	6	126	95,2	72,2
22+	79	2.838	100,0	100,0
Total	1.633	10.208		

Fonte: a mesma da Tabela 1.

Analisando os proprietários de escravos de Campanha segundo o sexo encontramos um padrão parecido com o que havia em São Paulo no início do século XIX. Os homens predominavam como senhores de escravos, representando 82% da totalidade de chefes dos domicílios com escravos. Mas as mulheres também tinham uma presença significativa, tanto em número médio de escravos possuídos - pouco mais de

6 de ambos os sexos - quanto no referente à participação relativa no total da massa escrava. A maior diferença entre os proprietários diz respeito ao sexo dos respectivos escravos: em geral as mulheres possuíam relativamente menos escravos homens e comparativamente menos pessoas livres que residiam em seus domicílios (ver Tabela 11).

TABELA 11  
CARACTERÍSTICAS MÉDIAS DA POPULAÇÃO SEGUNDO O SEXO  
DOS PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVOS

Sexo	Proprietários	Média de Escravos	Média de Livres	Média Total	Razão de Sexo por Domicílio (mulheres)	Razão de Sexo dos Escravos (mulheres)
Homens	1.338	6,2	5,3	11,5	135,2	158,9
Mulheres	279	6,7	3,7	10,4	103,9	144,6
Total	1.617	6,3	5,0	11,3	129,6	156,1
N		10.105	8.144	18.253	(7.949)	(3.945)

Fonte: a mesma da Tabela 1.

Enquanto grupo, os escravistas do sexo masculino tendiam a ser bem mais jovens do que suas congêneres do sexo oposto (43 contra 52 anos para as mulheres). Nas Minas Gerais do começo do século XVIII, como no restante das Américas no mesmo período, as mulheres normalmente recebiam a propriedade dos escravos já mais velhas, por meio de herança, quando da morte de seus maridos, o que explica a disparidade etária. Contudo, havia uma diferença em Minas: embora a agricultura ocupasse a metade das mulheres escravistas, elas também tiveram um papel autônomo nas ocupações proto-industriais, bastante comuns nessa região e período. Enquanto quase três quartos dos homens senhores de escravos se dedicavam à agricultura (946 em um total de 1.308), apenas metade das mulheres proprietárias estavam envolvidas nessa atividade (142 em um total de 281). Estas, por outro lado, dominavam todas as atividades têxteis, e muito provavelmente tenham iniciado esse trabalho por sua conta própria e não por meio de heranças de escravos. Isso é o que se infere do fato de as escravistas dedicadas à indústria têxtil e ao artesanato terem, em média, 8 anos menos do que as proprietárias ocupadas com a agricultura (46 contra 54 anos de idade). Enquanto apenas 5% de todas as escravistas estavam envolvidas em atividades agrícolas, 28% delas dirigiam oficinas de fiação e tecelagem e utilizavam seus escravos como mão-de-obra especia-

lizada e semi-especializada (toda essa mão-de-obra era, por sua vez, composta de mulheres).

Traço bastante incomum da escravidão, e que se verificou em Campanha, foi a existência de forros proprietários de escravos (ver Tabela 12). Dada a sua importância entre as pessoas livres (ver Tabela 1), era de se esperar que alguns alforriados tivessem seus próprios escravos. Em termos numéricos, os forros proprietários de escravos eram, naturalmente, pequena minoria dentro de seu segmento social. Enquanto entre os brancos adultos acima de 14 anos 14% eram donos de escravos (28% dos homens e 5% das mulheres), apenas 4% dos forros o eram (7% dos homens e 2% das mulheres). Embora a porcentagem de africanos e pretos crioulos adultos que tinham escravos fosse relativamente maior do que os pardos e, em média, tivessem individualmente também mais escravos, os pardos formavam o único segmento significativo dentre os proprietários não-brancos livres. Eles representavam 10% de todos os proprietários de escravos e detinham 6% do total de escravos. Enquanto grupo, os escravistas pardos possuíam, em média, apenas 4 cativos cada um (com um desvio padrão de 7 escravos). Apesar da possibilidade de os não-brancos livres terem mantido alguns membros de suas famílias trabalhando em seus ramos de atividade como escravos, em preparação para a alforria, os senhores de escravos não-brancos achavam-se concentrados na agricultura tanto quanto os senhores brancos. Mesmo entre as escravistas não-brancas havia, de fato, uma acentuada tendência a utilizar os escravos na agricultura. Na indústria têxtil as proprietárias de escravos eram quase todas brancas.

TABELA 12  
NÚMERO DE SENHORES E ESCRAVOS SEGUNDO O SEXO E COR  
CAMPANHA, 1831

Cor dos Proprietários	Homens		Mulheres		Total	
	Escravos	Proprietários	Escravos	Proprietários	Escravos	Proprietários
Branco	7.641	1.191	1.640	229	9.281	1.420
Africanos	16	9	60	7	76	16
Crioulos	59	19	56	8	115	27
Pardos	512	119	120	35	632	154
Total	8.228	1.338	1.876	279	10.104	1.617

Fonte: a mesma da Tabela 1.

Este levantamento sobre o município de Campanha em 1831 sugere que alguns aspectos do modelo desenvolvido por Roberto Martins

se confirmam. A maioria dos escravos trabalhava na agricultura local e regional, com forte presença também nas indústrias domésticas de fiação e tecelagem. Muito embora parte significativa da população escrava de Campanha não estivesse diretamente ligada à agricultura de exportação internacional, mesmo assim havia uma importante proporção de escravos africanos. O aspecto proto-industrial da força de trabalho escrava de Minas, com sua ligação incomum com as mulheres proprietárias de escravos, era um caso raro de uso da mão-de-obra africana e afro-americana nas Américas. Isso não significa sugerir que essa economia fosse totalmente voltada para o mercado interno, mas, sim, que estava ligada ao mercado internacional apenas secundariamente. A atividade têxtil de Minas chegou a fornecer roupas para os escravos que trabalhavam com o café nas províncias vizinhas: Rio de Janeiro e São Paulo. Por sua vez, muitos dos alimentos produzidos em Campanha serviam para alimentar populações urbanas e rurais do Rio de Janeiro. Fica claro, então, que a força de trabalho escrava de Minas produzia para o mercado, só que esta não estava diretamente ligada ao comércio internacional ou à exportação de minérios como acontecia com a grande maioria da mão-de-obra escrava da América.

Por outro lado, o corolário da hipótese dos Martins de que Minas deve ter sido importador líquido de escravos nascidos na África ou em outras províncias não se sustenta inteiramente. Na verdade, há evidências em nosso estudo de que a taxa de crescimento natural apresentada pelos escravos nativos poderia ser positiva e que apesar da presença significativa de africanos na nossa massa escrava havia condições favoráveis para a procriação. A base larga da pirâmide etária da população escrava de Campanha aponta nesta direção.

Portanto, crescimento natural e importação de escravos não devem ser olhados como eventos mutuamente exclusivos. Em certas situações e épocas, eles podem ter sido complementares, isto é, podem ter contribuído conjuntamente para o crescimento populacional. Nosso cálculo, reconhecidamente pouco preciso da taxa de crescimento, sugere, na verdade, uma taxa de crescimento global positiva para a população escrava. Se os dados obtidos em Campanha forem confirmados para o restante de Minas, isso poderia sugerir que a província manteve sua população escrava por todo o século XIX, não só por meio de uma economia regional dinâmica, voltada para o mercado nacional, mas também porque dispunha de uma população escrava que crescia e se reproduzia naturalmente.

## Referências Bibliográficas

- COSTA, Iraci del Nero da & GUTIÉRREZ, Horacio. Nota sobre casamentos de escravos em São Paulo e no Paraná. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 5, n. 9, p. 313-321, dez. 1984.
- COSTA, Iraci del Nero da, SLENES, Robert W. & SCHWARTZ, Stuart B. A família escrava em Lorena (1801). *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 297-314, maio/ago. 1987.
- CUNHA MATOS, Raimundo José da. *Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)*. 2 vols. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.
- DEAN, Warren. Comments on "Slavery in a nonexport economy" (II). *Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 3, p. 582-584, ago. 1983.
- ENGERMAN, Stanley & GENOVESE, Eugene D. Comments on "Slavery in a nonexport economy" (III). *Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 3, p. 585-590, ago. 1983.
- FARLEY, Reynolds. The demographic rates and social institutions of the nineteenth century negro population: a stable population analysis. In: *Demography*, v. 2, 1965.
- FOGEL, Robert. *Without consent of contract: the rise and fall of American slavery*. New York, 1989.
- GEGGUS, David. Sex ratio, age and ethnicity in the atlantic slave trade: data from French shipping and plantation records. *Journal of African History*, v. 30, 1989.
- HIERNAM, James P. *The manumission of slaves in colonial Brazil: Paraty 1789-1822*. Tese de Ph.D, New York University, 1976.
- HIGMAN, B. W. *Slave populations of the British Caribbean, 1807-1839*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1984.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 2ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.
- KLEIN, Herbert S. Demografia e tráfico atlântico de escravos para o Brasil. *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 129-150, maio/ago. 1987.
- LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. Proto-industrialization in a slave society: the case of Minas Gerais. *Journal of Latin American Studies*, v. 23, parte 1, fev. 1991.
- \_\_\_\_\_. & GRIMALDI, Márcia. Equilíbrio e estabilidade: economia e comportamento demográfico em um regime escravista, Minas Gerais no século XIX. In: *Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)*, vol. III. Olinda: ABEP, 1988.
- LUNA, Francisco Vidal. *Atividades econômicas, posse de escravos e características demográficas dos escravos em São Paulo (1777-1829)*. São Paulo, 1992 (mimeo).
- \_\_\_\_\_. *Observações sobre casamentos de escravos em treze localidades de São Paulo (1776, 1804, 1829)*. Trabalho apresentado na Conferência sobre História da População da América Latina (IUSSP), Ouro Preto, 2-6 jul. 1989.

## ESCRAVOS E LIVRES NAS MINAS GERAIS

- \_\_\_\_\_ & CANO, Wilson. Economia escravista em Minas Gerais. *Cadernos IFCH/UNICAMP*, n. 10. Campinas, São Paulo, out. 1983.
- LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. *Minas colonial: economia e sociedade*. São Paulo: Pioneira, 1982.
- LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Hebert S. Slave and masters in early nineteenth century Brazil: São Paulo. *Journal of Interdisciplinary History*, v. XXI, n. 4, p. 549-573, Spring 1991.
- MARTINS FILHO, Amilcar V. & MARTINS, Roberto Borges. Slavery in a nonexport economy: nineteenth century Minas Gerais revisited. *Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 3, p. 537-568, ago. 1983.
- \_\_\_\_\_ Slavery in a nonexport economy: a reply. *Hispanic American Historical Review*, v. 64, n. 1, p. 135-145, fev. 1984.
- MARTINS, Roberto Borges. *Growing in silence: the slave economy of nineteenth century Minas Gerais, Brazil*. Tese de Ph.D, Vanderbilt University, 1980.
- MATTOSO, Katia M. de Queirós. A propósito de cartas de alforria Bahia, 1779-1850. In: *Anais de História*, v. 4. Assis, São Paulo, 1972.
- \_\_\_\_\_ A carta de alforria como fonte complementar para o estudo de rentabilidade de mão-de-obra escrava urbana, 1819-1888. In: PELAÉZ, C. M. & BOESCU, Mircea (eds.), *A moderna história econômica*. Rio de Janeiro: APEC, 1976.
- MEREDITH, John A. *The plantation slaves of Trinidad, 1783-1816*. Cambridge, 1988.
- MERRICK, Thomas W. & GRAHAM, Douglas H. *Population and economic development in Brazil, 1800 to the present*. Baltimore e London: Johns Hopkins University Press, 1979.
- METCALF, Alida C. *The slave family in colonial Brazil: a case study of São Paulo*. Trabalho apresentado na Conferência sobre História da População da América Latina (IUSSP), Ouro Preto, 2-6 jul. 1989.
- \_\_\_\_\_ Vida familiar dos escravos em São Paulo no século dezoito: o caso de Santana do Parnaíba. *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 229-243, maio/ago. 1987.
- MOTTA, José Flávio. Família escrava: uma incursão pela historiografia. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Ano 9, n. 16, p. 104-159, jun. 1988.
- PAIVA, Clotilde Andrade. *A natalidade de Minas Gerais no século XIX: algumas hipóteses*. Trabalho apresentado na Conferência sobre História da População da América Latina (IUSSP). Ouro Preto, 2-6 jul. 1989.
- \_\_\_\_\_ et al. *Estrutura e dinâmica da população de Minas Gerais no século XIX*. In: Relatório de Pesquisa do CNPQ, 1990 (inédito).
- PAIVA, Clotilde Andrade & LIBBY, Douglas Cole. *The middle path: alternative patterns of slave demographics in nineteenth century Minas Gerais*. Trabalho apresentado na Conferência Mundial sobre Povoamento das Américas, Veracruz, México, 1992.
- PINTO, Virgílio Noya. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1979.

- RAMOS, Donald. Vila Rica: profile of a colonial Brazilian urban center. *The Americas*, Washington, v. 35, n. 4, p. 495-526, abr. 1979.
- \_\_\_\_\_. City and country: the family in Minas Gerais, 1804-1838. *Journal of Family History*, v. 3, n. 4, Winter 1978.
- SCHWARTZ, Stuart B. The manumission of slaves in colonial Brazil: Bahia 1684-1745. *Hispanic American Historical Review*, v. 54, n. 4, p. 603-635, nov. 1974.
- SLENES, Robert. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 189-203, mar./ago. 1988.
- \_\_\_\_\_. Comments on "Slavery in a nonexport economy" (I). *Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 3, p. 569-581, ago. 1983.
- \_\_\_\_\_. Múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX. In: *Cadernos IFCH/UNICAMP*, n. 17. Campinas, São Paulo, jun. 1985.
- SOLTOW, Lee. Economic inequality in the United States in the period from 1790 to 1860. *Journal of Economic History*, v. 31, n. 4, p. 822-839, dez. 1971.
- STECKEL, Richard H. The fertility of American slaves. *Research in Economic History*, Greenwich, Ct., v. VII, 1982.
- ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: HUCITEC/Universidade de São Paulo, 1990.

---

(Originais recebidos em janeiro de 1992. Revistos pelos autores em maio de 1992).